



Cardoso ganhou um beijo da paraibana Marlene Vasconcelos, funcionária do consulado

O 'presidólogo'

■ Cardoso fala em Berlim do conflito que vive por ser presidente e sociólogo

CRISTINA SERRA

Enviada especial

BERLIM, Alemanha — Ao receber o título de doutor *honoris causa* da Universidade Livre de Berlim, o presidente Fernando Henrique Cardoso respondeu aos que vêem uma contradição entre seu perfil social-democrata e a aliança com os liberais, expondo o conflito de identidade do *presidólogo* (híbrido de presidente e sociólogo).

“Como ninguém escolhe o momento em que vive, e até mesmo muito do seu curso pessoal, o sociólogo não tem alternativa. Tem que ser presidente. Mas não pode ter a pretensão do saber. Tem que ter a humildade de tomar decisões que são duras e que não correspondem ao que se deseja, mas ao que se pode. Se o presidente for só sociólogo, não vai ser nada. Se for só presidente, é banal. Precisa ser capaz de ver um pouco mais adiante”, definiu.

Cardoso falou de improviso para cerca de 200 estudantes e professores, concentrando seu discurso na complementação dos papéis de cientista social e político. Disse que ambos têm “como desafio compreender a fragmentação da sociedade moderna, os interesses que se iganizam, e entender até a legitimidade dessas reivindicações”.

“O Congresso, por exemplo, quase que passou a ser a somatória de interesses fragmentados. Os valores pouco unem”, analisou. Diante deste quadro, o político moderno tem que “ter objetividade e distanciamento para definir prioridades. Ou ele faz isso, ou não é líder”, afirmou Cardoso.

“Hoje, o conceito de humanidade tem que

se sobrepôr ao de classe, Estado ou nação e o ponto de vista do ser humano tem que orientar a discussão de temas como a ecologia, os direitos humanos, a justiça social e a democracia. “Política é criação, é invenção, é fazer o que nunca foi feito, o novo. E a ciência requer conhecimento e informação do que já aconteceu”, disse o presidente.

A obra do sociólogo Fernando Henrique foi muito elogiada pelos acadêmicos que saudaram o presidente Cardoso. O diretor do Instituto Latino-americano, Manfred Nitsch, brincou que seu livro *Dependência e Desenvolvimento na América Latina* é um dos mais furtados da biblioteca e comunicou que, dada a verdadeira *mania de Brasil* que tomou conta da Alemanha, decidira criar a cátedra de *Brasilologia*, a primeira do país.

Injusto — Em seguida, Cardoso inaugurou um colóquio de brazilianistas alemães no Instituto Ibero-Americano, quando fez uma rápida análise da identidade nacional e disse que “do ponto de vista sócio-político, o Brasil ainda é um país injusto”. Depois, inaugurou o Centro de Estudos Brasileiros, do Consulado em Berlim, que funciona em uma casa de três andares na rua Knesebeckstrasse, em cima da única livraria da cidade que vende livros brasileiros. Ganhou flores e um beijo da paraibana Marlene Vasconcelos, funcionária do consulado.

Choveu nas seis horas que Cardoso passou em Berlim e por isso ele não posou para fotos em frente ao Portão de Brandemburgo, apenas passando de carro pelo local. Durante o almoço, no Palácio de Charlottenburg, com o governador da cidade-estado, Eberhard Diepgen, quando Cardoso se levantou para discursar, dona Ruth advertiu-o que uma etiqueta com o nome dele ficara presa na barra da calça. O presidente passou todo o tempo tentando livrar-se do papel.